

## **A jangada de José Saramago e um continente em crise**

Profa. Dra. Gislene Teixeira Coelho (IFSEMG-UFJF)

### **Resumo:**

*No romance **A jangada de pedra**, de José Saramago, o conceito de deslocamento norteia a elaboração do livro, que alegoriza uma aproximação de Portugal e Espanha com os continentes americano e africano, de modo a sugerir uma identificação desses países ibéricos com a América Latina e a África e uma reformulação de antigas relações e posições de poder. Essa experiência de errância e deslocamento dialoga com um posicionamento otimista que vê no deslocamento a possibilidade de encontro entre as adversidades, quebrando com os essencialismos entre as culturas e apostando na tradução cultural como meio de amadurecimento da política internacional. Saramago, por meio do deslocamento da Península Ibérica, faz uma provocação a todo o continente europeu. Provoca, sobretudo, sua imobilidade diante das mudanças políticas, econômicas e culturais do mundo, em que novos agentes despontam no cenário internacional e, conseqüentemente, novas políticas de representação internacional são requeridas e novos valores culturais emergem e contestam a soberania eurocêntrica no mundo. Assim, o estudo do caso Português permite pensar, além das relações entre colônias e ex-colônias, a identidade e o lugar hoje de Portugal e da Europa no mundo. Saramago publica o romance em 1986, mas já exprime nas páginas do livro uma sensação de mal-estar que, de acordo com nossa leitura, indicia uma crise que se consolida como uma realidade décadas mais tarde. O romance sugere uma crise entre Portugal/Espanha e Europa, uma crise de representatividade e participação desigual entre os países europeus e uma crise potencial da soberania europeia, que implica possíveis mudanças políticas, econômicas e ideológicas que descentrem o lugar e a imagem da Europa em relação ao mundo. Portanto, **A jangada de pedra** indicia, por meio da movimentação espontânea da Península, intercâmbios culturais que potencializariam mudanças nas hierarquias culturais deixadas pelo eurocentrismo e uma rearticulação das nações no mundo.*

**Palavras-chave:** deslocamento, tradução cultural, política internacional.

### **1 Introdução**

No romance *A jangada de pedra*, sobressaem duas grandes movimentações: a viagem do grupo de amigos formado por José Anaiço, Joaquim Sassa e Pedro Orse, Joana Carda, Maria Guaivara e o cão Piloto e a viagem marítima da Península Ibérica. Embora distintas, essas viagens ocorrem de modo simultâneo e complementar, originando uma série de deslocamentos por negociações políticas no âmbito internacional e de deslocamentos humanos por adaptações e reajustamento ao novo espaço de convivência. Em poucas palavras, tem-se uma viagem para fora de Portugal e uma para o Portugal interior.

Utilizou-se o termo complementar como contraste a um montante significativo de narrativas de viagens que destacam os feitos de grandes heróis, de reis, de acontecimentos épicos e esquecem-se das histórias daqueles que ficaram, cuja permanência não pode ser entendida como ausência de movimentação, mas como sinônimo de trânsitos internos, de movimentos interpessoais e de viagens intranacionais. No romance de Saramago, essas viagens (*para dentro e para fora*), ao invés de adversativas, são complementares,

trabalhando juntas para formar uma única narrativa de viagens. A viagem, na narrativa do escritor português, é composta por incontáveis cruzamentos de experiências, itinerários e pessoas, as quais comungam entre si uma mesma característica, a sensação de estar em movimento constante.

A viagem metaforicamente abrange todo tipo de deslocamento humano que impulsiona o homem a se mover, o que, necessariamente, pressupõe alteração e crescimento. A partir da separação da península do restante do continente europeu, movimentos imprevisíveis e simultâneos desencadeiam transformações extraordinárias no panorama geográfico e social de Portugal. Um primeiro grupo de mudanças advém da transformação de uma península em uma ilha, o que, conforme será apresentado, altera a cartografia dos dois países ibéricos (Portugal e Espanha) e inaugura um novo cenário de negociação e diálogo no âmbito internacional, de modo que a Península passa a ser simbolicamente comparada a um “imenso barco” (SARAMAGO, s/d, p. 131) prestes a aportar em um lugar desconhecido e imprevisível; um segundo, mais localizado, pode ser representado pelas profundas alterações internas no contexto social que se fragiliza diante da busca desenfreada por comida, transporte e abrigo, de tal modo que permite a Saramago tecer uma comparação entre a organização social e a montagem de um castelo de cartas, como indica em: “Viu-se então como o edifício social, com toda a sua complexidade, não passar de um castelo de cartas, sólido apenas de aparência, se dermos um safanão na mesa em que está armado, vai-se abaixo.” (SARAMAGO, s/d, p. 223).

A palavra deslocamento adquire riqueza semântica ao ser colocada em diálogo com o romance de Saramago, contexto que transcende a mudança física e geográfica, normalmente acompanhada por planejamentos, itinerários, guias e mapas, para adentrar em um universo de mudanças mais subjetivas, imprevisíveis e espontâneas. Des-locar implica, obrigatoriamente, saída, mudança, transformação, passagem de uma posição inicial para outra, conseqüentemente, cria uma condição nova de câmbio, permutação e troca *inter-nacional*, *inter-peninsular* e *inter-pessoal*.

## **2 A jangada e um continente em crise**

A imagem de uma jangada de pedra encalhada sugere uma provocação aos traços identitários e culturais europeus marcados pela imobilidade, como se necessitasse de um sopro que pudesse resultar em uma movimentação espontânea e regeneradora. Quando todo o conjunto peninsular de massa sólida é posto em movimento, como ficcionalizou o romance *A jangada de pedra*, o edifício cultural europeu ameaça desmontar, suas bases que pretendiam ser impenetráveis e inabaláveis.

Três pilares dessa construção monumental são fatalmente atingidos: nação, nacionalidade e identidade, conceitos seculares que, para se moverem, basta um abalo na organização social, econômica e cultural dos países europeus. Saramago parece já dialogar com essa fragilidade em seu romance de 1986, ao sugerir um continente já em crise. Há uma crise entre Portugal/Espanha e Europa, uma crise de representatividade e participação desigual entre os países do continente e, fundamentalmente, uma crise potencial em relação à soberania europeia, que se corporifica em uma crise política, econômica e ideológica que coloca em debate o lugar e a imagem da Europa em relação ao mundo. Diante de uma crise europeia iminente, a Península Ibérica desliga-se geograficamente do continente europeu para estabelecer uma aproximação com o Sul, mais especificamente, África e América do Sul. No fragmento abaixo, retirado do livro *As palavras de Saramago*, há um recorte de uma fala do escritor, publicada primeiramente em 1986, em que ele expõe a precariedade

da organização política e econômica europeia e, conseqüentemente, sugere uma necessidade de ampliação dos vínculos com os países sulistas.

A Península Ibérica pretende se ligar a um Norte que continuará a se orientar e dirigir por três potências médias – Alemanha, Grã-Bretanha e França –, enquanto os países restantes não teriam alterada a sua condição de satélites. No fundo, é isso o que define a política econômica da Comunidade. A CEE, em trinta anos, não conseguiu fazer outra coisa que não fosse tentar definir sua política econômica. Não existe uma política europeia. A própria organização econômica da Europa, como sabemos, é muito precária e, de qualquer forma, está orientada por essas três potências médias, sendo o restante apenas periferia. Creio que não devemos perder todos os vínculos com a Europa, mas devemos, mais, ir em busca do Sul. (SARAMAGO, 2010, p. 419-420)

Ler *A jangada de pedra*, à luz dos recentes acontecimentos políticos e econômicos em torno do continente europeu, permite ao leitor localizar nas páginas do livro uma espécie de prenúncio em relação à crise europeia que se anuncia neste início de século. Pode-se dizer que a crise, que aparece no romance como um sintoma, um mal-estar social, constitui, hoje, uma preocupação real aos países europeus. Nesse sentido, esse romance de 1986 mostra sua validade e sua atualidade para tratar de questões políticas e culturais que alicerçam as relações internacionais em pleno século XXI.

Curioso notar o tom profético da narrativa nas primeiras páginas do romance que precedem à separação da Península. Um mal-estar é descrito entre os habitantes quando todos os cães de Cerbère começam a ladrar, despertando sensações de “pânico e terror” (SARAMAGO, s/d, p. 7), tendo em vista que, de acordo com a sabedoria popular, tais sons caninos eram um presságio de que algo muito significativo sucederia e que tais cães eram incapacitados de ladrar. O narrador narra que os latidos frenéticos dos cães, antes, completamente mudos, ocorrem no momento em que Joana Carda risca o chão com a vara de negrilho e produz a fenda. Esse clima de expectativa é aumentado quando Joana comenta seu ato por meio de um conhecido ditado popular, que diz: “O que tem de ser, tem de ser, e tem muita força, não se pode resistir-lhe, mil vezes o ouvi à gente mais velha, Acredita na fatalidade, Acredito no que tem de ser.” (SARAMAGO, s/d, p. 8). Ou seja, lê-se o uso da sabedoria popular como um recurso expressivo para anunciar previamente que mudanças ocorreriam no território português – a fenda que o separa do continente – e, conseqüentemente, transformariam os rumos e o destino da nação e do próprio continente europeu.

O provérbio funciona como um índice em relação às transformações vindouras – inevitáveis e incontornáveis – após o início do movimento, e, consoante ao fato de Península e Europa estarem inseridos em uma mesma cadeia de movimentos, move-se Península Ibérica, move-se toda a Europa. Expressa, em linguagem popular, a sensação do sintoma, do mal-estar, que ronda espectralmente antes que um evento de tal magnitude se apresente como uma realidade. Assim, perseguir-se-á a manifestação desse mal-estar para projetar discussões que já estão alinhavadas no romance de Saramago, mas que solicitam um diálogo com o que está fora, fora da obra e fora de seu tempo.

Quatro eixos espaciais interligam-se em *A jangada de pedra*: Portugal, Península

Ibérica, Europa e Mundo, os quais estabelecem entre si os mais diversos cruzamentos possíveis. Em um primeiro momento, far-se-á uma leitura do impacto do deslocamento peninsular sobre Portugal, sua identidade nacional e sua nova postura política internacional. E para finalizar, será traçada, em um âmbito mais amplo, uma discussão sobre a crise identitária europeia e sua relação com o mundo.

O deslocamento da Península Ibérica desfaz a condição concreta de Portugal como uma nação europeia e a transforma em uma grande ilha à deriva pelo Atlântico. Uma ilha que se move por conta própria, espontaneamente, sem a intervenção do governo ou de qualquer outra autoridade. Nesse sentido, seu curso torna-se mais significativo, pois é como se ela movesse por uma necessidade própria e escolhesse o destino da viagem.

Sem pertencer e sem fixar-se em lugar algum, a viagem provoca uma rasura nos mapas do Velho Mundo, deixando uma ferida geográfica na antiga fronteira que separava a Espanha da França. Esse desligamento do continente europeu é bastante sugestivo para se refletir sobre a posição de Portugal no continente europeu e para repensar sua própria identidade como nação portuguesa. As ideias de nação e nacionalidade entrelaçam-se com a noção de pertencimento e delimitação de fronteiras, de modo que o afastamento de Portugal pode significar a exclusão da nação portuguesa do mapa europeu e, como resultado, modificar seu senso de identidade nacional e de identidade europeia.

O afastamento peninsular dialoga com o fato de a Península Ibérica estar à margem do restante da Europa, sofrendo inclusive rejeição por parte de outros países do círculo eurocêntrico, conforme mostra a fala do primeiro-ministro português dirigida ao povo, abaixo transcrita, que expressa ressentimento ao comentar o descaso político europeu com a situação dos países peninsulares:

(...) sendo que os governos europeus, que no passado nunca verdadeiramente mostraram querer-nos consigo, vêm agora intimar-nos a fazer o que no fundo não desejam e, ainda por cima, sabem não nos ser possível. Lugar indesmentível de história e de cultura, a Europa, nestes dias conturbados, mostra, afinal, carecer de bom senso.” (SARAMAGO, s/d, p. 161)

O trecho denuncia uma contradição entre a formação europeia – exemplo de história e cultura – e uma deficiência com relação ao seu papel social, mais especificamente, sua posição displicente em relação a uma península em crise. O discurso do primeiro-ministro dialoga com o sentimento vivenciado pelo povo português de estar sob exílio dentro do próprio território europeu.

Lourenço desenvolve essa problemática relação Portugal e Europa no livro *Nós e a Europa ou as duas razões*, cujo título já ilustra distanciamento e falta de identificação. Segundo o estudioso:

É relativamente recente, mas inegável, constituindo quase uma fractura da nossa imagem cultural, o sentimento de exílio, de distanciamento e, sobretudo, de autêntico e mórbido complexo de inferioridade em relação a uma outra Europa que, na esteira das descobertas hispânicas, iria reforçar sua revolução cultural (...) com a exploração econômica sistemática de nossos espaços extra-europeus. (LOURENÇO, 1988, p. 26)

Além de questões que envolvem diferenças culturais, econômicas e históricas, a ocupação territorial corrobora o afastamento do território português do restante da Europa. Ocupando a ponta do continente, Portugal lembra uma ilha flutuante que conserva suas próprias tradições, língua e religião, isolado do corpo do continente.

Quando se estuda a história de Portugal, vê-se que o que mais se salienta não é a falta de uma identidade própria, pelo contrário, é a falta de uma identidade europeia. Esse Portugal-ilha experiencia uma sensação de estranhamento, sentindo-se como um estrangeiro em sua própria terra. Ser estrangeiro dentro da Europa faz da Península Ibérica uma outra Europa, politicamente e economicamente marginalizada. Pensando especialmente o caso português, observa-se que a nação não deseja ser ou resgatar a imagem da Europa esplendorosa, mas deseja ser reconhecida e afirmar sua diferença e sua particularidade dentro do grupo europeu. Portugal não convive com problemas de afirmação da identidade portuguesa, mas apresenta conflitos no que tange a sua identidade europeia, sejam eles advindos do não compartilhamento de valores culturais, do afastamento territorial ou do sentimento de rejeição por parte do Europeu, tudo isso conflui para criar uma situação de exclusão e apartamento.

Assim, seu isolamento da Europa causa-lhe ainda mais perturbação por emperrar seu contato com as outras nações do globo, tendo em vista sua dificuldade de inserção nas questões econômicas e políticas que movimentam a ponte Europa e mundo e que estão concentradas, como já foi dito, no poder de um número bem restrito de nações. Em outras palavras, conjugada a essa sensação de exílio continental, há uma preocupação em firmar um lugar próprio, em formar novas parcerias em um mundo globalizado. Nesse sentido, destaca-se o movimento pelo iberismo, amplamente defendido pela produção crítica e literária de José Saramago.

Se, por um lado, *A jangada de pedra* apresenta um receio da população em colocar-se como europeu, por outro lado, há uma série de citações que indicam uma afirmação da identidade ibérica. A frase “Nós também somos ibéricos” é estampada entre as páginas 153 e 156 em diversas línguas, pois, segundo o narrador, tal afirmação expandiu-se pelos diversos países da Europa. Esse iberismo traduz uma identificação portuguesa com a Espanha, nação muito próxima geograficamente e historicamente e que vive uma situação análoga à de Portugal. Essa parceria ibérica recebe um tratamento afetuoso de Saramago no prólogo do livro *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, de César Antonio Molina, cujo título “Mi iberismo” anuncia claramente a posição do escritor quanto à questão em tela, ainda mais visível se observarmos sua opção pelo castelhano.

No prólogo acima mencionado, Saramago amplia sua discussão sobre o iberismo ao inserir o além-mar, afirmando que: “(...) la própria península ibérica no podrá ser hoy plenamente entendida fuera de su relación histórica y cultural con los pueblos de ultramar (...)”<sup>1</sup>. Ou seja, destaca-se no movimento pelo iberismo uma tentativa de resgate de um diálogo possível com a iberoamérica e a iberoáfrica, o que, segundo Saramago, faria parte de “um grande projeto peninsular para o futuro” (SARAMAGO, 2010, p. 419). O escritor português pronunciou em diversas ocasiões a necessidade de estreitamento dos laços com os países sulistas, com os quais Espanha e Portugal comungariam traços culturais e linguísticos, além de, similarmente, ocuparem, no contexto mundial, uma posição política mais periférica, quando comparados aos centros hegemônicos de produção.

---

<sup>1</sup> Tradução minha: “(...) a própria Península Ibérica não poderá ser hoje plenamente entendida fora de sua relação história e cultural com os povos do ultramar (...)”

Um último fator que precisa ser aprofundado diz respeito ao impacto do desligamento peninsular sobre a identidade europeia. Ao desligar-se do Velho Mundo, a península ibérica ameaça a formação secular de um continente que se projetou para perpetuar como exemplo de e à humanidade. Essa mudança geográfica implica o entendimento de que profundas alterações políticas e culturais ocorreriam em todo o continente europeu, as quais representariam um perigo para os conceitos de identidade e nacionalidade, espalhados da Europa para o mundo. Saramago nos fala dessa ameaça identitária no excerto abaixo:

Este foi o dia assinalado em que a já distante Europa, segundo as últimas mediações conhecidas ia em cerca de duzentos quilómetros o afastamento, se viu sacudida, dos alicerces ao telhado, por uma convulsão de natureza psicológica e social que dramaticamente pôs em mortal perigo a sua identidade, negada, nesse decisivo momento, em seus fundamentos particulares e intrínsecos, as nacionalidades, tão laboriosamente formadas ao longo de séculos e séculos. (SARAMAGO, s.d., p. 151)

O trecho acima exprime a força e a magnitude do impacto sobre o edifício europeu que se vê sacudido dos alicerces ao telhado. É relevante lembrar que o afastamento peninsular atinge, com um corte contínuo de um lado ao outro, justamente a terra, o território e toda a simbologia construída em torno da relação homem-terra. Ao ferir o solo europeu, a Europa sente o golpe na alma, pois agredir o corpo territorial é como agredir o que há de mais basilar e essencial, já que o território simboliza o seu lugar onde estão suas referências, seus portos, seu lar. Portanto, nem mesmo uma construção secular com a Europa pode resistir a esse impacto “psicológico e social”, que a forçará a sair do lugar confortável e seguro em que comodamente se assentava.

Há cisões e fragmentações notáveis no continente europeu, o que torna a imagem de uma Europa una e indivisível uma ilusão, fato que só existe discursivamente, pois o que prevalece são as diversas Europas simultâneas e contraditórias. As produções teóricas e criativas contemporâneas de intelectuais europeus vêm acenando para essa problemática, mostrando uma mudança de postura no que diz respeito ao entendimento do ser europeu, que se encaminha em direção a uma necessidade de conhecer-se, de descobrir-se. Zygmunt Bauman, em seu livro *Europa*, joga com as palavras “saber” e “tornar-se” para articular em torno da ideia de que a identidade europeia configura uma incógnita para os próprios europeus, mostrando que a mesma se encontra em processo de reconhecimento, de elaboração e de transformação.

Mas o resultado é que nós, os europeus, talvez sejamos (como sujeitos e atores históricos da cultura) o único povo *sem identidade* – identidade fixa, ou o que se imagina e se acredita ser fixa: “nós não sabemos quem somos” e muito menos sabemos o que ainda podemos nos tornar e que ainda podemos aprender quem somos. O impulso de *saber e/ou tornar-nos* o que somos nunca se aquieta, assim como nunca se desfaz a suspeita sobre o que ainda podemos nos tornar se nos guiarmos por esse impulso. A cultura europeia é uma cultura que não conhece o repouso. (BAUMAN, 2006, p. 17)

Pensar a Europa como um continente único e fechado está fadado ao insucesso, pois o próprio continente se multiculturaliza, o eurocentrismo se descentraliza, pondo em xeque um conceito de Europa que está “cada vez menos visível, física ou espiritualmente” (BAUMAN, 2006, p. 34).

Não se pode deixar de registrar o fato de que se está tratando o mesmo problema da identidade europeia a partir de textos produzidos em séculos diferentes – Saramago no final do XX e Bauman no início do XXI – e se vê que dialogam nas questões que propõem, ou seja, essa analogia mostra, pela distância temporal das duas produções intelectuais, um quadro de mudanças pouco expressivas em relação à Europa. Estudiosos como Bauman apontam uma Europa em plena movimentação, mas, pelo seu histórico, pode-se afirmar que o continente se moveu e se move a passos lentos. Quase vinte anos separam as duas publicações e certamente a Europa mudou nesse período temporal, mas, ainda assim, pode-se desconfiar um pouco do entusiasmo de Bauman quanto à nova Europa *sem identidade*. Indubitavelmente, há que se reconhecer que a Europa mostra um considerável avanço ao problematizar e rejeitar aquele antigo conceito de identidade que se fez como sinônimo de absoluto e universal.

As nações modernas, em geral, exibem um cenário de identidades e fronteiras flutuantes, que por si só transgridem as marcações geográficas. O século XX, especialmente, vivenciou profundas mudanças nos sentidos atribuídos às palavras território, terra e lugar, agregando às ideias de pertencimento, raiz e propriedade outros sentidos ligados à errância, ao exílio, à desfronteirização. Assim, em torno das nações e suas respectivas fronteiras nacionais formam-se zonas de convergência cultural, flexibilização que incentiva os trânsitos culturais e comerciais e responde mais adequadamente às necessidades das nações modernas, que, por si mesmas, conforme indicou Stuart Hall, já apresentam uma formação cultural compósita.

A política internacional ganha mais mobilidade quando é processada nos interstícios dessas zonas de convergência cultural, já que as constantes contaminações culturais e linguísticas chegam ao ponto de criar condições mais favoráveis ao diálogo e à negociação. Essas zonas expandem-se na medida em que o fluxo entre os países se intensifica, insuflando um processo de trocas materiais e humanas que tende a aproximar nações distintas, por razões que incluem desde interesses econômicos até uma possível identificação e integração entre esses países.

A *jangada de pedra* abre caminhos para uma nova jornada europeia que, hodiernamente, faz muito sentido, como se indicasse uma busca por novas parcerias e diálogos no contexto internacional. Contudo, não está se falando de um novo colonialismo, até mesmo porque os parceiros são outros, aprimoraram suas políticas internacionais e alguns inclusive se destacam como nações promissoras no cenário mundial. Ademais, não se pode esquecer de que a crise europeia, que se vinha desenhando desde o final do século XX, deslocou sua imagem e posição imperial, de modo que a Europa deve primar pela negociação de um novo lugar no mundo, já que sua antiga posição de poder foi descentrada.

Se os séculos XIX e XX consagraram a construção do império europeu no mundo, parece que fica para o XXI a desmontagem dessa imagem especular. Importante retomar uma fala de Saramago sintomática com o que foi apresentado sobre a crise europeia e a possível quebra definitiva de um império, que aponta que: “Com a continuação dos séculos, se eles continuarem, a Europa nem se lembrará mais do tempo em que foi grande e se metia mar centro, tal como nós, hoje, já não conseguimos imaginar a Vénus com

braços.” (SARAMAGO, s/d, p. 152). Parece, pois, que o romancista considerava, no findar do século XX, a quebra da soberania um acontecimento irremediável, uma questão de tempo. Entretanto, a quebra de um império não é somente motivo de comemoração, mas inaugura um momento de tensão, em virtude do fato de que uma reconfiguração mundial possa representar a criação de novas hierarquias polarizadoras de poder econômico e cultural. À quebra de soberanias o interculturalismo defronta-se com um espaço duplo de atuação: incentivar a criação de espaços mais dialógicos e evitar que novas áreas de poder sejam erguidas.

Fica igualmente registrada para o século XXI uma expectativa de que a crise econômica europeia impulsione uma aproximação mais estreita com o eixo Sul. Trajeto de viagem desenhado por Saramago em *A jangada de pedra* que pode alterar a cartografia comercial e política herdada do colonialismo e continuada pelo neocolonialismo, a que eufemisticamente se dá o nome de globalização.

## Referências Bibliográficas

- 1] BAUMAN, Zygmunt. **Europa: uma aventura inacabada**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- 2] LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- 3] \_\_\_\_\_. **Nós e a Europa ou as duas razões**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.
- 4] \_\_\_\_\_. **A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- 5] \_\_\_\_\_. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- 6] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- 7] SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. Rio de Janeiro: Editora Record, s.d..
- 8] \_\_\_\_\_. **As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, histórias e políticas**. Fernando Gómez Aguilera (sel. e org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.